

SEXO KASHER

Lina Wainberg¹

KOSHER SEX

Resumo: Conhecer a religião dos nossos pacientes faz com que escolhamos a melhor intervenção em terapia sexual. Por isso, nos cursos de especialização somos ensinados sobre as influências judaico-cristãs na sexualidade. O presente artigo busca compreender as particularidades da concepção judaica da sexualidade, que parece diferir em alguns pontos em relação à cristã. A postura judaica em relação à sexualidade é influenciada pela forma como o judaísmo incentiva o questionamento. As regras servem para guiar, podendo ser questionada e ajustada conforme cada situação. A sexualidade não é lidada com culpa ou vergonha. O sexo é visto como uma forma máxima de conhecimento do outro e é valorizado e incentivado. O grande propósito é justamente a intimidade do casal e procriação. Não o sexo em si, simplesmente, mas a intimidade conjugal resultante. Consequentemente, quase tudo que leve a uma maior intimidade do casal é permitido. Até mesmo o derramamento de esperma. No entanto o prazer sem intimidade não é incentivado. O artigo aborda como a masturbação, sexo oral e o uso de material erótico são abordados pelo judaísmo. Apesar de o sexo ser apenas valorizado nos casamentos heterossexuais, ainda assim, o prazer é estimado como parte do amor. É importante que tenhamos em mente a diferença da proposta judaica em relação à culpa, incentivo do prazer e o propósito principal na intimidade. Essa perspectiva não é um resultado dos tempos modernos. É a base de uma religião milenar que sempre evocou a importância do prazer para o bem-estar dos seus fiéis.

Palavras-Chave: religião; Judaísmo; sexualidade

Abstract: It is important to understand the religion of our patients to make better interventions in sex therapy. Therefore, the specialized courses teach the Judeo-Christian influences on sexuality. This article seeks to understand the particularities of the Jewish conception of sexuality, which seems to differ in some points from the Christian. The Jewish attitude toward sexuality is influenced by how Judaism encourages questioning. The rules serve to guide and can be questioned and adjusted according to each situation. Sexuality is not dealt with guilt or shame. Sex is seen as an ultimate form of knowledge of the other and is valued and encouraged. The great purpose is precisely the intimacy of the couple and procreation. Not sex itself, simply, but the resulting marital intimacy. Consequently, almost all attitudes that lead to greater intimacy of the couple is allowed. Even sperm spill. However pleasure without intimacy is not encouraged. The article discusses how masturbation, oral sex and the use of erotic material are covered by Judaism. Although sex is only valued in heterosexual marriages, yet pleasure is estimated as part of love. It is important to bear in mind the difference of the Jewish proposal regarding guilt, pleasure incentive and the main purpose in intimacy. This perspective is not a result of modern times. It is the foundation of an ancient religion that always evoked the importance of pleasure for the welfare of the faithful.

Keywords: religion; judaism; sexuality

¹Psicóloga, especialista em terapia de casal e de família, mestre em sexologia, doutora em psicologia. Membro da diretoria da Sbrash. E-mail: linawainberg@hotmail.com

A sexualidade consiste em uma área da vida que está recheada de medos, fantasias, receios. A entrega sexual requer uma liberação interna para o indivíduo ser tocado, tocar o outro, imaginar, se permitir sentir prazer, dar prazer etc. Essa liberação interna é influenciada por fatores internos, mas também externos. A cultura em que estamos inseridos influencia nossos comportamentos, desejos e preferências sexuais, gerando conforto ou desconforto. Compreender o meio social em que os pacientes estão inseridos facilita uma intervenção mais eficaz. Não cabe ao terapeuta, pensando unicamente na aplicação das técnicas, modificar as crenças que, em outro momento, auxiliaram na estruturação destes indivíduos. É evidente que a informação permitirá que os pacientes desfaçam mitos, crenças e informações errôneas e sem explicação. No entanto, não devemos forçar técnicas que gerem mais desconforto do que benefício ao paciente. A adaptação das técnicas para cada indivíduo é fundamental para o bom andamento do tratamento. Além disso, o diálogo com representantes dos grupos religiosos dos pacientes tem se mostrado uma estratégia muito mais produtiva do que restritiva. Os líderes religiosos em geral entendem a importância de uma vida sexual saudável para o bem-estar dos seus fiéis.

Os profissionais que buscam aprofundamento na área da sexualidade humana deveriam ter noções básicas do que cada religião sustenta no que se refere à sexualidade. Quando somos apresentados a elas, de uma maneira geral tendemos a conhecer a moral judaica/cristã em relação à sexualidade como se fosse uma só. No entanto, como veremos, apesar de algumas semelhanças, o judaísmo parece oferecer uma vivência da sexualidade mais permissiva e valorizando o prazer do que em outras religiões. Alguns poderiam perguntar o porquê em se aprofundar em um grupo que no Brasil é tão pequeno, ou inexistente em algumas regiões. Ainda por cima, será que faz tanta diferença essa compreensão, já que a maior parte das pessoas de origem judaica no Brasil é mais identificada ao judaísmo como identidade de povo do que na própria religião em si? O judaísmo tem as mesmas raízes que as religiões católicas e as pessoas dessas religiões costumam ter curiosidade pelo judaísmo exatamente por isso. Alguns grupos inclusive super valorizam essas origens judaicas e suas influências. Para os de origem judaica, o que se percebe é uma

surpresa agradável ao entrarem em contato com sua visão sobre a sexualidade.

Sabemos que todo grupo religioso possui seus radicais e seus reformistas. No judaísmo não é diferente. Existe um grupo muito pequeno de ultraortodoxos que ainda fazem uso de lençóis com buracos. Porém, em sua vasta maioria de ortodoxos, a visão do judaísmo será a que segue a seguir. Exemplificaremos a vivência ortodoxa, pois neste grupo a aplicação do judaísmo é vivenciada na íntegra e a sexualidade abordada entre seus membros.

O termo *Kasher* é utilizado para designar aquele alimento que segue as regras particulares do judaísmo de cuidado. O cumprimento dessas regras manteria a sua pureza e o conservaria próprio para se comer. Em outras palavras, é tudo que é legítimo e permissível no manejo e no consumo dos alimentos. Sabemos que, em outras épocas, essas regras preservaram a saúde de muitas gerações. Hoje em dia, já que a tecnologia proporcionou estratégias de conservação eficaz, cuidado dos animais com menos doenças, a justificativa da saúde do alimento não faz mais sentido. Dentre essas regras, está a preocupação em não fazerem os animais sofrerem, que também pode ser aperfeiçoada com o tempo. Hoje em dia, o que realmente permanece é o costume e a tradição.

Ao utilizar o termo *Kasher* para a sexualidade, se faz referência às regras e concepções que o judaísmo sustenta em relação à sexualidade. Assim como quanto à alimentação, toda lei sexual na tradição judaica é construída a favor de um propósito, não se tratando de uma regra imposta e deliberada. A postura judaica em relação à sexualidade é influenciada pela forma como o judaísmo incentiva o questionamento. O questionamento é intrínseco ao judaísmo. Nessa religião, o estudo e o conhecimento são extremamente estimulados. Não apenas os valores, mas também os atos devem fazer sentido para o indivíduo. As regras servem para guiar, podendo ser questionada e ajustada conforme cada situação. Esse direito de questionar permite um exercício da sexualidade com menos culpas. Há o costume, entre os religiosos, de designarem tutores para cada um que nasce. Alguém com quem se aconselhar com suas aflições, além do Rabino. Ao invés de oferecer regras e prescrições, oferece uma orientação. Extingue, assim, uma ética pudica e castradora, desde que dentro do casamento heterossexual. Tanto os homens quanto as mulheres recebem

esses tutores, geralmente alguém mais experiente e com a *Torá*, ou a bíblia judaica referente ao velho testamento, já mais pensada e elaborada.

Mulher, menstruação e sexo

O discurso quanto à igualdade entre os sexos no judaísmo é contraditório. Ao mesmo tempo que sustenta-se que tanto os homens quanto as mulheres têm a mesma importância e são imprescindíveis para o povo judeu, reconhece-se a diferença. No judaísmo a mulher é considerada naturalmente próxima a Deus, enquanto os homens precisam passar por algumas etapas até confirmar o seu vínculo. O *Bar-mitzvá* é a cerimônia na qual se oficializa tal vinculação. *Bar-mitzvá* é a cerimônia de aliança com Deus e o compromisso de manter, estudar e praticar todos os mandamentos da *Torá* realizada pelos meninos aos 13 anos. Inclusive, os homens são considerados incompletos até que se casem e unam-se a uma mulher. Há leis na *Torá* referentes ao casamento que consideram que o consentimento da mulher é imprescindível para que possa haver uma união, e que obriga um homem a conceder o divórcio a sua esposa, caso seja essa a vontade dela (CHABAD, s/d). É uma religião matriarcal, sendo a sua continuidade reconhecida apenas pelos filhos de mães judias.

Essa vantagem, no entanto, implica em algumas funções mais "nobres", como a criação dos filhos. O argumento é que cada um tem sua função, e se não for ele, ninguém a fará. Entendem que o papel da mulher no lar é sagrado porque, em sua maior parte, depende dela a evolução e a felicidade de suas futuras gerações (MICCHAN, 2015). Sustentam que, com a submissão e respeito ao marido, renunciam em muitas coisas para uma convivência harmoniosa, trazendo paz ao lar para que todos possam crescer espiritualmente e prosperar (ABRAMOV, 1997). Com isso, existem algumas funções reservadas às mulheres e outras aos homens. A vocação individual não é considerada para funções que sejam aquelas. Há restrições sim. Mas o interessante é que a comunidade ortodoxa, na sua maioria, se adaptou a essa realidade e busca encontrar a felicidade. Para os laicos, é surpreendente ver o alto índice de satisfação com a vida dentre os religiosos. O sentimento de pertença, o diálogo e a reflexão contribuem para a construção de sentidos

para cada papel que se assuma na comunidade. Se há a submissão da mulher, ela é consentida e emocionalmente congruente. A peruca, por exemplo, é utilizada para resguardar a beleza feminina apenas para o seu parceiro e evitar a cobiça alheia. É um símbolo de modéstia e respeito ao marido. Entre o casal a sensualidade dos cabelos pode ser usufruída. Pode parecer um exagero para as pessoas que não vivem neste meio, mas se torna natural para os que convivem com isso desde sempre.

Ainda há a questão da menstruação. De acordo com a *Torá*, qualquer surgimento de sangue na vagina torna a mulher ritualmente impura. Isso significa que ela não poderia tocar no marido e, conseqüentemente não poderia ter relações sexuais com ele. Por isso, muitos judeus não apertam a mão das mulheres, porque acham que todas as mulheres podem estar impuras. Essas restrições se estendem por alguns dias após o período menstrual e após o banho de purificação na *Mikveh* (banheira para banho de imersão com água corrente). Todas as comunidades judaicas de certo porte possuem uma casa de banhos desse tipo e é considerada tão importante que a lei judaica estabelece que deva ser a primeira construção a ser edificada e depois sim, a sinagoga. A imersão deve ser completa, nada deve ficar fora d'água e a mulher precisa estar acompanhada de outra mulher, de mais de doze anos, para certificar-se que o banho foi completo. O mergulho na *Mikveh* deve ser feito sempre após as estrelas estarem claramente visíveis (ASHERI, 1995).

Se pararmos para pensar, basicamente o casal pode manter relações sexuais durante metade do mês e a outra metade não. Segundo Boteach (2000), essas restrições acarretam em períodos mais intensos de intimidade física e outros de intimidade emocional, quando ambos conversam, pensam, conhecem mais o outro. Segundo o *Talmud* (livro sagrado dos judeus, um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo), para o casamento ser bem sucedido, deve haver a atração entre marido e mulher, assim como havia no início do casamento. Segundo Andrade (2014), é justamente a abstinência sexual recomendada pelas leis de purificação que ajuda a manter aquele sentimento inicial dos recém-casados.

Na prática, essas regras provavelmente surgiram em épocas em que as infecções eram comuns. A criação de rituais de higiene garan-

tiu mulheres saudáveis para a procriação. Assim como na alimentação, o costume se incorporou à tradição do povo judeu, mesmo que os motivos originais não façam mais sentido.

Sexo e culpa

A forma como o Judaísmo lida com a culpa e o pecado é um pouco diferente. Não é indulgente com a culpa, nem lamenta o passado sexual ou os antigos pecados.

“Segundo a Sabedoria, o pecado é um ato prejudicial. De acordo com a Profecia, é morte. Torá o vê como uma tolice. E D’us o vê como uma oportunidade.” (CHABAD. O que é pecado?, s/d)

Não há penitência ou inferno. Há muita reflexão e questionamentos quanto às consequências do ato. Há um senso de responsabilidade. Acredita-se que o homem tem a liberdade de agir e fazer algo, modificar algo. Assim, ele deve ser responsabilizado por tudo aquilo de que ele faz parte. No entanto, ele teria uma natureza fraca e uma tendência para o Mal. Por isso, Deus, na sua misericórdia, permitiu ao homem arrepende-se e ser perdoado: para que os religiosos entendam que a maior pena para um pecado está em carregar a consciência de tê-la realizado. A culpa pode ser expiada no dia do perdão após profunda reflexão das consequências do seu ato.

Quanto ao sexo, não é diferente. A sexualidade não é lidada com culpa ou vergonha. Pelo contrário, a sexualidade é muito incentivada, não apenas para procriação, mas também pelo prazer e intimidade do casal. Historicamente, os rabinos sempre deram conselhos sexuais explícitos aos homens e mulheres casados sobre como desfrutar de relações íntimas prazerosas. As orientações costumam ter o propósito de concentrar e tornar o sexo potente, despertando compromisso de longo prazo.

O propósito do sexo

O primeiro acasalamento humano foi entre Adão e Eva. As traduções fazem com que algumas informações importantes se percam. A forma como está descrita na *Torá* diz “E Adão conheceu Eva”. O sexo representa o conhecimento do outro. É uma forma de conhecimento que se torna exclusiva ao parceiro. Um privilé-

gio. Aspecto fundamental do amor. Sentir-se especial por alguém. No caso de Adão e Eva, o amor veio com a intimidade física.

O judaísmo, assim como qualquer religião, prega a união das famílias, o investimento na intimidade conjugal, a solidificação do companheirismo e afeto. A forma como esta religião lida com a sexualidade está impregnada desses valores. O sexo é visto como uma forma máxima de conhecimento do outro. O grande propósito do sexo é justamente a intimidade do casal e procriação. O sexo é valorizado e incentivado. Não o sexo em si, simplesmente, mas a intimidade conjugal resultante. O sexo sem intimidade não é incentivado. Mesmo que não haja o interesse em condenar o homem por sua natureza sexual, busca-se ir além de uma necessidade biológica. Apesar de filhos serem considerados uma das maiores bênçãos, o sexo não serve apenas para a procriação, serve para termos intimidade e prazer (LAMM, 1993).

O judaísmo sempre celebrou o compromisso amoroso existente entre um homem e uma mulher. É celebrado de tal forma que o prazer a dois é incentivado. É tão valorizado que em alguns dias santos, como o Shabat, a atividade sexual é considerada como algo sagrado. Não que haja uma obrigatoriedade, mas os/as religiosos/as costumam se dispor mais nesse dia do que em outros. A importância do momento de intimidade é tão valorizado que, segundo a *Halachá* (lei judaica), uma mulher grávida ou mesmo uma mulher que esteja amamentando é considerada ritualmente pura, nesse caso o relacionamento sexual entre o casal é permitido (ANDRADE, 2014).

Nesta religião o prazer é uma forma de conexão com seu parceiro e com Deus. O orgasmo seria uma forma de conexão divina, tanto para mulheres quanto para os homens. Não é privilégio masculino. Isso é tão claro, que os homens são ensinados que o orgasmo feminino é obrigação de cada marido judeu. Nenhum homem tem permissão de usar uma mulher apenas para sua satisfação.

Pode ou não pode?

De modo simplista, o que for para intensificar a intimidade conjugal, é permitido. Sendo assim, as normas sexuais mais conservadoras são dadas apenas como conselhos.

Vejamos como o judaísmo lida com algumas das práticas sexuais:

- Sexo Oral: "o judaísmo se opõe à destruição deliberada da semente, mas não a práticas sexuais que podem por vezes envolver o *derramamento* da semente, mas que são realizadas com o propósito de dar prazer ao marido e a esposa." (BOTEACH, 2000, p. 75).

Apesar de não ter sido encontrado referências quanto ao sexo anal, é possível que utilize a mesma compreensão. Há a sugestão de que não se deve olhar fixamente os genitais, para manter a mística. A ideia é auxiliar e manter o desejo a longo prazo. Inclusive é fortemente aconselhada a prática sexual no escuro. A atração física é tida apenas como um meio para o amor emocional.

- Masturbação: ela não é considerada *ka-sheer* pois há perda de esperma e não é praticada como um ato de intimidade. Mas como no judaísmo nenhuma regra é inquestionável, poderíamos pensar em casos em que se for para não pensar em outras mulheres e estiver com a esposa indisponível, como em uma viagem, é preferível que se masturbe.

- Camisinha: o judaísmo se opõe a uma barreira artificial. Sugere anticoncepcional e diafragma nos casos em que há risco de vida para a mãe ou bebê com a gestação, ou doença mental ou até, em alguns casos, se a gestação de mais filhos trazer infelicidade. Apesar da possível condenação do grupo, um rabino poderia aconselhar essa prática após muita reflexão e compreensão.

- Pornografia: qualquer material explícito que faça com que o marido ou a mulher se foquem em alguém ou alguma outra coisa que não um ao outro é considerado prejudicial.

- Erotismo: qualquer objeto erótico que servir para que os parceiros se concentrem mais no cônjuge, pode ser usado. Lingerie pode ser utilizado como estímulo, mas a conexão dos corpos sem nenhuma peça de roupa é a orientação para o ato em si.

- Falar durante o sexo: As palavras que um marido deve falar à sua esposa devem ser palavras que venham a alegrá-la, uma vez que assim o marido cumpre um mandamento muito importante. Portanto, falar durante o sexo é estimulador, desde que não ofenda (ANDRADE, 2014).

Conclusões

O judaísmo é uma religião que, como qualquer outra, preocupa-se com sua continui-

dade e, conseqüentemente, com a procriação. Logo, a família heterossexual é preconizada. O sexo reprodutivo é incentivado, no entanto, unido com o aspecto afetivo. Há a preocupação com a presença do amor entre o casal para a criação dos filhos gestados. Sabiamente, o judaísmo entendeu que para manter os seus fiéis vinculados, o amor era mantenedor da saúde mental e de relações com sentido. Esse "fazer sentido" é a busca do judaísmo em todo o seu paradigma.

Apesar da restrição do sexo ser apenas valorizado nos casamentos heterossexuais, ainda assim, o prazer é valorizado como parte do amor. O prazer desvinculado do amor é desqualificado. De forma explícita e incentivadora, o judaísmo fala de prazer. O incentivo é tamanho que associa o orgasmo a uma conexão com Deus.

Sob essa perspectiva religiosa, o sexo eventual, a homossexualidade, o uso de material pornográfico, sadomasoquismo, adultério não são considerados práticas sexuais aceitáveis pois não auxiliariam na conexão das almas homem/mulher. Assim, há um controle sobre o que é passível de ser erotizado. Não há a liberdade de se fantasiar livremente. Essas restrições certamente dificultam o exercício pleno da sexualidade de alguns.

É importante que tenhamos em mente a diferença da proposta judaica em relação à culpa, incentivo do prazer e o propósito principal de intimidade do casal ao invés da procriação. A procriação é vista como a consequência natural de tudo isso. É a consequência de uma relação de amor e intimidade. Essa perspectiva não é um resultado dos tempos modernos ou de uma adaptação cultural. É a base de uma religião milenar que sempre evocou a importância do prazer para o bem-estar dos seus fiéis.

Referências

ABRAMOV, T. *O segredo da feminilidade judaica*. São Paulo: Colel, 1997.

ANDRADE, S. B. *Leis da pureza familiar*, 2014. Disponível em: <<http://silvanasobocinskiandra-de.blogspot.com.br/2014/07/leis-de-pureza-familiar.html>>. Acesso em: 01 out. 2015.

ASHERI, M. *O judaísmo vivo: tradições e leis dos judeus praticantes*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BOTEACH, S. *Sexo kasher: uma receita de paixão e intimidade*. São Paulo: Editora, 2000.

CHABAD. *Mulher no judaísmo*. Perguntas e respostas. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/interativo/FAQ/mulher.html>>. Acesso em: 01 out. 2015.

CHABAD. *Que é pecado?* Disponível em: <www.chabad.org.br/tora/Comentario/com021.html>. Acesso em: 01 out. 2015.

LAMM, N. *A sebe de rosas: Uma visão judaica do sexo e do casamento*. São Paulo: Colel, 1993.

MICCHAN, I. *A mulher no judaísmo*. Disponível em: <<http://www.coisasjudai-cas.com/2015/05/a-mulher-no-judaismo.html?m=0>>. Acesso em: 1 out. 2015.